

## O ESTUDO DA FORMAÇÃO DE PALAVRAS E O SEU ENQUADRAMENTO NA ESTRUTURA DE GRAMÁTICAS HISTÓRICAS DO PORTUGUÊS

MARIA DO CÉU CAETANO  
(Universidade Nova de Lisboa)

O objectivo desta comunicação é fornecer alguns contributos para o estudo da Formação de Palavras, analisando o enquadramento desta área na estrutura das gramáticas históricas do português. Antes de proceder à apresentação e discussão da estrutura de algumas dessas gramáticas, farei referência a alguns problemas teóricos e práticos da constituição do *corpus*<sup>1</sup> e tecerei algumas considerações sobre o conceito de 'gramática histórica' e sobre o método utilizado pelos vários autores, uma vez que estes se encontram relacionados com o plano seguido nas obras em questão.

Tal como 'gramática' é de difícil definição, apresentando uma multiplicidade de acepções, também o conceito de 'gramática histórica' nem sempre é interpretado do mesmo modo. No entanto, penso que a definição fornecida por Malkiel ([1960] 1968), num extenso artigo sobre gramáticas históricas românicas, é das mais abrangentes e completas e, por isso, a adoptei. Na opinião deste autor, gramática histórica é "a formal arrangement of strictly linguistic data pertaining to structure rather than to the lexicon and viewed in diachronic perspective; that is to say, it presupposes at least two parallel sets of forms separated by a sufficiently extended period of time (...) Every historical grammar is, by definition, comparative, the minimum comparison residing (...) in a point by-point confrontation of two successive, reasonably distant stages of the same language" (Malkiel [1960] 1968: 72-73). Como se pode observar, esta definição engloba vários aspectos, a saber: a análise diacrónica incide sobre dados estritamente linguísticos, excluindo, portanto, a descrição de factos históricos, mesmo que eles tenham exercido influências a nível da língua (por exemplo, a introdução no léxico de certos vocábulos ou expressões, resultantes de contacto; cf. Malkiel

[1960] 1968: 134-135); a descrição dos dados deve estar criteriosamente organizada, ou seja, deve obedecer a uma estrutura bem definida, o que leva à exclusão de muitos estudos diacrónicos (monografias, lições, antologias, edições críticas, volumes de homenagens, por exemplo), os quais não se inserem dentro da categoria de gramática histórica devido à sua "inherent looseness and selectivity" (Malkiel [1960] 1968: 72), casos em que os aspectos formais estão submetidos ao léxico e não o inverso; a gramática histórica é sempre comparativa<sup>2</sup>, ao passo que uma gramática comparativa pode ou não ser histórica, e essa comparação é feita de forma sistemática entre dois estádios, razoavelmente distantes, de uma mesma língua. Na grande maioria das gramáticas históricas das línguas românicas, embora não sendo uma condição estritamente necessária, a comparação consiste na confrontação entre o Latim e o estado actual de uma língua e pode seguir duas direcções: "prospective, when the starting point is the older of two, or the oldest of several, consecutive phases compared; or retrospective, if the reverse view is favored, as when the examination of a modern Romance language is punctuated with flashbacks to the Latin or medieval antecedents, or the entire distance is covered in converse direction" (Malkiel [1960] 1968: 74; cf. ainda pp. 82-83). A dimensão temporal, assim como a amplitude ("depth" e "breadth" em Malkiel ([1960] 1968) e "ambição" e "fôlego" em Martins (1995)) das gramáticas históricas determinam, em parte, quer a estrutura dessas gramáticas, quer o método seguido. Não é o número de disciplinas contempladas por cada um dos autores que, só por si, serve de indicador da maior ou menor importância de uma gramática histórica, havendo mesmo algumas monodisciplinares, mas antes o tipo de análise (ampla e profunda) e o período abrangido pela confrontação dos dados que se revelam decisivos para a inclusão ou não de determinado trabalho na categoria 'gramática histórica'.

O *corpus* de gramáticas históricas que delimitarei, à semelhança de qualquer outro *corpus*, visa a exaustividade e a homogeneidade. Na medida em que o *corpus* de trabalho é constituído pelas gramáticas históricas do português em que é tratada a formação de palavras, daí resultou uma delimitação cronológica e quantitativa<sup>3</sup> inerentes, sendo, portanto, um *corpus* selectivo. Todavia, o *corpus* é também tendencialmente exaustivo, visto que inclui todas as gramáticas históricas que são reconhecidas como tal e, além disso, as várias gramáticas possuem características idênticas, ou seja, são relativamente homogêneas, permitindo, assim, que se proceda a generalizações. Em "Gramáticas Históricas do Português", Martins (1995) apresenta duas listagens: na primeira constam as gramáticas de CORNU (1888), NUNES ([1919] 1989<sup>4</sup>), ALI ([1931] 1964<sup>5</sup>), HUBER ([1933] 1986), WILLIAMS ([1938] 1961) e CÂMARA (1975), "obras de maior fôlego e ambição; elaboradas visando a comunidade científica" (Martins, 1995: 56), e, na segunda, "as gramáticas a que poderemos chamar 'didácticas', isto é, as que destinadas a

estudantes do ensino liceal, foram, em geral, elaboradas de acordo com os programas que aí vigoravam" (Martins, 1995: 56)", como é o caso dos trabalhos de BRAGA (1876), SILVA JR. (1878), VASCONCELOS (1900), PEREIRA ([1916] 1935<sup>9</sup>), NASCENTES ([1929] 1942<sup>3</sup>), HORTA ([s.d.] s.d.<sup>3</sup>)<sup>1</sup>, MARTINS ([s.d.] 1937<sup>2</sup>), COUTINHO (1938) e SEQUEIRA ([1938a] 1959<sup>3</sup>). Pelas razões que indicarei, a estas obras acrescentei as seguintes: *Grammatik der portugiesischen Sprache*, de Carl von REINHARDSTOETTNER (1878), *Lições de Filologia Portuguesa*, de José Leite de VASCONCELOS ([1911] 1959<sup>3</sup>), *Lições de Filologia Portuguesa*, de Carolina Michaëlis de VASCONCELOS ([1946] s.d.), *Grammatica da Lingua Portuguesa*, de SILVA JR. e ANDRADE ([1887] 1913<sup>4</sup>), *O Meu Idioma*, de Othoniel MOTA ([1916] 1937<sup>8</sup>)<sup>5</sup> e a *Gramática de Português* de SEQUEIRA (1938b). Relativamente às três primeiras que foram acrescentadas, temos situações diferentes. A gramática de REINHARDSTOETTNER (1878) não é referida por nenhum dos autores portugueses consultados, incluindo os outros gramáticos, à excepção de Neto ([1942] 1977<sup>4</sup>: 98-99) que se lhe refere como a "primeira gramática histórica do português"<sup>6</sup> e que, assim, tal como VASCONCELOS (1900), não reconhece, a gramática de BRAGA (1876) enquanto gramática histórica. Malkiel ([1960] 1968: 97) não só reítre REINHARDSTOETTNER (1878), como o aponta como uma (boa) excepção dentro das gramáticas históricas românicas, ao referir o extenso capítulo sobre "Wortbildung" (REINHARDSTOETTNER, 1878: 111-156), incluído, curiosamente, entre as secções da fonologia e da flexão. Depois de algumas considerações, esta gramática foi incluída no *corpus*, apesar de, contrariamente a todas as outras, ainda não ter sido objecto de uma análise exaustiva. Quanto às *Lições* de José Leite de VASCONCELOS ([1911] 1959<sup>3</sup>) e às *Lições* de Carolina Michaëlis de VASCONCELOS ([1946] s.d.), obras que apresentam coincidências não só no que diz respeito ao título como também quanto ao conteúdo, estrutura e público a que se destinam<sup>7</sup>, ambas são consideradas gramáticas históricas, quer por Malkiel ([1960] 1968: 80) quer por Cuesta ([1949] 1980: 31) e, à semelhança destes autores, considero-as gramáticas históricas, pois, apesar de conferirem um maior peso ao léxico e de apresentarem uma estrutura menos rígida, tratam a Formação de Palavras e, embora não totalmente, é possível encaixá-las na definição que tive em conta aquando da constituição do *corpus*. No que diz respeito à gramática de SILVA JR. e ANDRADE [1887] 1913<sup>4</sup>) esta assenta, segundo os autores, "sobre a base da história e da comparação" (SILVA JR. e ANDRADE [1887] 1913<sup>4</sup>: vi) e não ostenta diferenças marcantes, quanto ao conteúdo, método e estrutura, quer relativamente à *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* de SILVA JR. (1878), quer no que diz respeito às outras incluídas por MARTINS (1995) nas chamadas gramáticas históricas 'didácticas', listagem que a autora deixou em aberto. MOTA ([1916] 1937<sup>8</sup>), na apresentação da sua obra, a qual apresenta um grande paralelismo relativamente aos outros trabalhos que seleccionei, autodefine-a, começando por referir que "O plano geral deste trabalho foi apenas tornar a

grammatica expositiva, a rudimentar, iluminada pela grammatica historica" (MOTA [1916] 1937<sup>b</sup>: 5). Por último, SEQUEIRA ([1938a] 1959<sup>b</sup>), no mesmo ano em que publicou a *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* (SEQUEIRA [1938a] 1959<sup>b</sup>), publicou, simultaneamente, a *Gramática de Português* (SEQUEIRA, 1938b). Na "Renovação do Léxico", cap. IX da *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* (SEQUEIRA [1938a] 1959<sup>b</sup>), o autor, para além de ser muito mais sintético do que em "Meios de Formação de Palavras" (cap. XV, Secção II da 2.ª Parte — Morfologia), constante da *Gramática de Português* (SEQUEIRA, 1938b), afirma inclusivé, a propósito da "Composição por prefixos", o seguinte: "não os enumeraremos aqui [os prefixos], porque o estudo deles já deve ter-se feito na gramática descritiva" (SEQUEIRA, 1938b: 155). Foi sobretudo, mas não exclusivamente, com base no tratamento que SEQUEIRA ([1938a] 1959<sup>b</sup> e 1938b) dedica à formação de palavras que inclui a *Gramática de Português* de SEQUEIRA (1938b) no *corpus*. Aí, o autor, frequentemente, faz apelo ao latim e estabelece comparações entre o português antigo e o actual para explicar certos aspectos da sufixação<sup>8</sup>, da prefixação e, em maior grau, da "composição erudita". Quer a *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* (SEQUEIRA [1938a] 1959<sup>b</sup>), quer a *Gramática de Português* de SEQUEIRA (1938b) se dividem em Fonética, Morfologia e Sintaxe; a "Renovação do Léxico" aparece incluída na Morfologia em ambas e as duas obras tratam da Derivação Própria, da Derivação Imprópria e da Composição, mas, enquanto na *Gramática de Português* (SEQUEIRA, 1938b: 84-117), a descrição destes assuntos, segundo uma perspectiva diacrónica, é relativamente exhaustiva, na *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, SEQUEIRA ([1938a] 1959<sup>b</sup>: 138-156) limita-se a cerca de metade das páginas e estas servem quase unicamente para exemplificar os fenómenos descritos em SEQUEIRA (1938b). Portanto, conclui-se que a designação por si só não é elucidativa da natureza da obra. O aspecto mais significativo quanto à inclusão ou não de uma obra dentro desta categoria, como já referi, refere-se à amplitude e profundidade concedidas ao tratamento dos assuntos, ao facto de privilegiarem a 'estrutura' e não o léxico e ao modelo seguido.

Dada a natureza do estudo que estou a efectuar, não tive em consideração gramáticas históricas unidisciplinares, visto que as que existem em português recobrem uma área diferente. Tais são os casos das gramáticas históricas de Adolfo Coelho (1868), em que, apesar de estarem previstos três, só um dos volumes saiu, o da *Phonologia*, e de Rodrigo de Sá Nogueira (1932, *Curso de Filologia Portuguesa. I Parte: Noções Gerais e Fonética Histórica*). Além destas duas gramáticas históricas unidisciplinares, temos a *Sintaxe Histórica Portuguesa*, de Epifânio da Silva Dias ([1918] 1970<sup>b</sup>), que o autor classificou como gramática histórica, mas que não é reconhecida como tal pelos especialistas, nomeadamente Silva (1991: 45) e Martins (1995: 63), para só citar duas das autoras mais recentes, devido sobretudo à inexistência de uma diacronia

seriada. Também não incluí no *corpus* de gramáticas históricas do português alguns trabalhos diacrónicos, nalguns casos tratando assuntos que também figuram nas gramáticas históricas que retive, porque, por uma ou por várias razões, não se inserem dentro da definição de gramática histórica de Malkiel ([1960] 1968), tendo sido já excluídos por Martins (1995). Refiro-me, por exemplo, às *Lições de Português*, de Sousa da Silveira ([1923] 1934<sup>2</sup>), obra que abrange estudos quer de linguística diacrónica, quer de linguística sincrónica e caracterizada por uma certa "dispersão" de matérias. Martins (1995) também não incluí os trabalhos de Rosa V. M. e Silva (1991 e 1994) e de Clarinda de Azevedo Maia (1986) na lista de gramáticas históricas, por achar que se situam "na fronteira entre a 'gramática histórica' e outros géneros". No primeiro caso, a fronteira situa-se "entre a monografia e a gramática histórica" e, no segundo, entre "a gramática descritiva e gramática histórica" (Martins, 1995: 56 e 59) e, embora Martins (1995) não a refira, poderíamos ainda acrescentar a estes dois trabalhos as *Estruturas Trecentistas* (Silva, 1989), obra em que se procede a uma descrição exhaustiva "de um longo texto na sua versão do século XIV [Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório]" (Silva, 1994: 11). De qualquer forma, estas obras, independentemente do estatuto que lhes queiramos atribuir, não contemplam o estudo da Formação de Palavras, pelo que a sua exclusão do *corpus* seria inevitável. Tendo em conta que tanto CORNU (1888) como WILLIAMS ([1938] 1961) não estudam a Formação de Palavras, também estas obras não serão consideradas no *corpus* que delimitarei. Assim, depois destas exclusões, o *corpus* de gramáticas históricas abarca dezanove obras de dezanove autores, uma em co-autoria e duas do mesmo autor (cf. Anexo).

Como é sabido, praticamente todas as gramáticas históricas do português, excepto as de ALI ([1931] 1964<sup>3</sup>) e de CÂMARA (1975), privilegiaram o modelo neogramático. A concepção de língua como organismo natural e o facto de os representantes dessa escola considerarem que a evolução da língua é contínua conduziram à recolha e à descrição histórico-comparativa de inúmeros factos linguísticos, de que as gramáticas em questão são um bom testemunho. No modelo neogramático, "The general position from which the neogrammarians approached their subject was the assumption that language change must have order and thus be amenable to systematic investigation. They based their expectation that language development is rule-governed on certain universal aspects of language itself" (Bynon [1977] 1986: 24). Tendo em conta esta observação de Bynon ([1977] 1986), não é, pois, de estranhar que ao nível da estrutura as gramáticas históricas do português contemplem preferencialmente as áreas em que a sistematização e a regularidade são mais facilmente alcançadas. Deste modo, a Fonética, a Fonologia e a Morfologia Flexional têm, de longe, uma maior representatividade nas gramáticas históricas do português, enquanto a Formação de Palavras, a Sintaxe e a Semântica se vêem relegadas,

frequentemente, para um plano secundário. Contudo, isso não significa que estas três áreas e outras aqui omitidas não contenham e forneçam dados e análises suficientes para que sejam levados a cabo vários estudos de linguística diacrónica.

Como referi anteriormente, a secção, capítulo ou ponto e respectivas designações em que está inserida a formação de palavras, bem como as partes em que a mesma se subdivide, são, em muitos casos, bons indicadores das concepções teóricas dos autores estudados. Assim:

— a gramática de BRAGA (1876) subdivide-se em três partes principais, i.e. "Phonologia", "Morphologia" e "Syntaxe", áreas que correspondem às delimitadas por Diez (1836-1844), autor que influenciou grandemente os estudos românicos, assim como Meyer-Lübke, o qual "was able to improve on Diez, not only in phonological methodology, but also in his coverage of language data" (Posner, 1996:4). A "Parte II - Da Morphologia", que "por muito tempo se chamou Etymologia", segundo o autor (BRAGA, 1876: 19), é, das três, a parte mais desenvolvida (cerca de 106 páginas). Em BRAGA (1876), o termo Morfologia é ainda usado indistintamente, recobrando quer a Flexão, quer a Formação de Palavras. Por isso, dentro dos capítulos dedicados aos substantivo, adjectivo e verbo<sup>9</sup>, para além dos aspectos flexionais, é igualmente estudada a Formação de Palavras, embora o tratamento concedido à morfologia flexional seja mais exaustivo, situação que, aliás, se repete em quase todas as gramáticas históricas.

— SILVA JR. (1878) afasta-se da organização seguida em outras gramáticas históricas, na medida em que, a seguir a um longo "Prefácio" (pp. iii-xvii), o autor trata todos os assuntos sob a designação única "Introdução". Este autor não concede um tratamento autónomo à Formação de Palavras, optando antes por vários apontamentos dispersos por variados pontos, nomeadamente: no ponto "II. Formação da Língua Portuguesa" (pp. 65-96), no ponto "III. Elementos Historicos" (pp. 96-134; na alínea dedicada aos "Neologismos" (pp. 90-96) e aos "Elemento Grego", "Elemento Latino" e "Elemento Francez" (pp. 108-129)), e ainda nalguns parágrafos nos pontos "V. Hybridismo" (p. 136) e "VI. Dialectos" (pp. 137-150), sobretudo o 2º parágrafo (pp. 152-154).

— SILVA JR. e ANDRADE ([1887] 1913<sup>1</sup>) organizaram a gramática em dois livros: "LIVRO I - Lexicologia" e "LIVRO II - Syntaxe". O "Livro I - Lexicologia" tem três partes: "Parte I - Phonologia" (caps. 1-4, pp. 77-125); "Parte II - Taxionomia" (caps. 1-9, pp. 127-190) e "Parte III - Morphologia". Nesta terceira parte, as "Observações preliminares" (pp. 191-197) são seguidas de 10 capítulos (pp. 197-475): o cap. I é dedicado aos "Vestígios da declinação latina no portuguez" (pp. 197-204), enquanto os caps. II e III incidem sobre a flexão nominal (substantivos, numerais, adjectivos, artigos e pronomes; pp. 204-256) e a flexão verbal (pp. 256-293). Da "Formação de palavras" se ocupa o cap. IV, o qual se subdivide em: "a) Composição" (prefixação e composição, pp. 293-331) e "b) Derivação" (imprópria, própria e grega, pp. 331-369). Como se pode verificar, não existe um

grande desequilíbrio entre o tratamento conferido à Formação de Palavras, aqui tratada autonomamente, por contraponto à flexão (76 e 89 páginas, respectivamente). Por outro lado, em SILVA JR. e ANDRADE ([1887] 1913<sup>4</sup>) e também noutros autores (cf. Brocardo e Caetano, 1998), a Composição engloba quer a Prefixação, quer a Composição propriamente dita.

— A gramática de VASCONCELOS (1900) encontra-se estruturada da seguinte forma: "Prólogo" (pp. 1-6), "Programma" (p. 7), "Introduccção" (pp. 9-30); "LIVRO I - Phonética" (pp. 31-74); "LIVRO II - Morphologia" (pp. 75-204) e "LIVRO III - Syntaxe" (pp. 205-216). O "Livro II - Morphologia" inicia-se com o "Objecto da morphologia" (pp. 75-76) e as "Secções em que a morphologia se divide" (pp. 76-77), secundadas por três secções, i.e., "Secção I - Lexiologia" (pp. 79-115), "Secção II - Thematologia" (pp. 117-145) e "Secção III - Camptologia" (pp. 147-204). É na Secção II, nos capítulos "II - Derivação" e "III - Composição" que a Formação de Palavras é estudada. O primeiro destes capítulos abarca a "Derivação popular", "Derivação imprópria", "Derivação própria" e a "Derivação erudita" (pp. 125-132), enquanto o seguinte trata a "Composição popular" ("I. Composição por prefixos" e "II. Composição pròpriamente dita", pp. 132-138) e a "Composição erudita" ("I. Composição latina", "II. Composição grega") (pp. 138-145). Na gramática de VASCONCELOS (1900), a flexão ocupa a maior fatia (mais do dobro das páginas do que as dedicadas à Formação de Palavras), logo seguida da Fonética e, em último lugar, surge a Syntaxe. De referir ainda que, contrariamente a SILVA JR. e ANDRADE ([1887] 1913<sup>4</sup>), o Léxico é tratado dentro da Morfologia e não o inverso.

— O facto de o público de VASCONCELOS ([1911] 1959<sup>5</sup>) ser heterogéneo, contribuiu para que as *Lições* não obedecessem a um "plano fixo" e para que o autor tivesse a "liberdade de lhes dar a amplitude que [lhe] parecesse, com tanto que não ultrapassasse as fronteiras da sciência" (VASCONCELOS ([1911] 1959<sup>5</sup>: x). Baseando-se em todas as matérias estudadas, VASCONCELOS ([1911] 1959<sup>5</sup>) elaborou "um quadro sinóptico de Filologia Portuguesa, que vai no fim do volume" (VASCONCELOS ([1911] 1959<sup>5</sup>: x). Nesse quadro, que é uma espécie de "arrumação" de todas as matérias estudadas, entre outros, o ponto dedicado à "Gramática Histórica" compreende: "I. Fonologia", "II. Morfologia", "III. Particulas e interjeições", "IV. Formação de Palavras", "V. Syntaxe". Sob a designação "Gramática Histórica", VASCONCELOS ([1911] 1959<sup>5</sup>) inclui, pois, os domínios que comumente encontramos noutras gramáticas históricas, apesar de o autor conceder um tratamento à parte às "Particulas e interjeições", em vez de as incluir na Morfologia.

— PEREIRA ([1916] 1935<sup>9</sup>) subdivide a "Morphologia" (pp. 123-269) em nove capítulos e no da "Thematologia" (Capítulo IX) incluem-se, entre outros, a "Derivação" e a "Composição". A derivação subdivide-se em "Derivação propria", i.e., por meio de sufixos (pp. 202-217) e "Derivação impropria" (pp. 217-219). Na "Composição" (pp. 219-222), temos a composição por "Prefixação" (pp. 222-

232), por "Juxtaposição" (pp. 232-235) e por "Agglutinação" (pp. 235-236). O "Hybridismo" (p. 236), o "Parasyntetismo" (p. 237), os "Compostos latinos" (p. 238), os "Compostos gregos" (pp. 238-242) e os "Elementos estrangeiros" (pp. 242-252) fazem ainda parte da "Thematologia", a qual engloba também a "Semantica". A flexão nominal e verbal, vulgarmente inserida na Morfologia, surge em PEREIRA ([1916] 1935<sup>3</sup>) dentro da "Syntaxe" (pp. 270-586).

— A obra de MOTA ([1916] 1937<sup>4</sup>), apesar de, tal como a de VASCONCELOS ([1911] 1959<sup>5</sup>), estar organizada em "Lições", apresenta grande sistematicidade, sendo possível dividi-la em quatro domínios: "Phonetica", "Phonologia", "Morphologia" e "Formação das Palavras" (Lição XV, pp.60-80) acrescidas de "Selecta classica (seguida de commentarios e de um vocabulario)". Os processos estudados por MOTA ([1916] 1937<sup>4</sup>), na "Formação das Palavras", são: "1. Mudança de categoria gramatical", "2. Suffixação", "3. Prefixação" (uma das componentes da Composição) e "4. Juxtaposição".

— NUNES ([1919] 1989<sup>6</sup>) explica, no "Prólogo", a ordem adoptada, dizendo que "No presente estudo (...) trato em primeiro lugar dos sons e sua evolução através dos tempos (...); a seguir, trato dos mesmos sons, quando reunidos para exprimirem ideias, isto é, das palavras, sua variedade e formação" (NUNES [1919] 1989<sup>6</sup>: ix). Em NUNES ([1919] 1989<sup>6</sup>), a "Morfologia ou estudo das formas" tem uma pequena introdução designada "Partes do discurso" (pp. 201-203) e é constituída por cinco capítulos.: "Capítulo I." com duas "Secções": "Secção I. - Nome" (pp. 203-216) e "Secção II. - A flexão do nome" (pp. 216-236); "Capítulo II. Pronome" (pp. 236-269); "Capítulo III. Verbo" (pp. 270-284), com quatro "Secções" ("Secção I. - Presente", pp. 284-304; "Secção II. - Pretérito", pp. 304-316; "Secção III. - Participio", pp. 316-319; "Secção IV. - Futuro e Condicional", pp. 319-321) e um "Aditamento ao verbo" (pp. 312-341); "Capítulo IV. Palavras invariáveis" (pp. 342-356) e "Capítulo V. Formação de palavras". Neste último capítulo, o autor separa a Formação de Palavras em duas alíneas: "A) popular" (pp. 356-358) e "B) literária" (pp. 398-404), acrescidas de "Importação de outras línguas" (pp. 404-409). Em A) incluem-se a derivação (imprópria e própria) e a composição. Na derivação (pp. 358-388), os sufixos são estudados exaustivamente e à sua descrição está subjacente o conceito de produtividade, ou "vitalidade", na terminologia do autor, sendo ainda tratados, entre outros, as "modificações sofridas pelos radicais" e a "troca, sinonímia e queda de sufixos". No que diz respeito à composição (pp. 358-398), temos a composição por "juxtaposição", "elíptica", por "prefixação" e os "parassintéticos". Na alínea B), são tratadas a "composição latina" (p. 401), a "proveniência grega" por: "a) derivação" (pp. 401-402), "b) composição" (pp. 402-403) e as "irregularidades na composição" (p. 404).

— NASCENTES ([1929] 1942<sup>7</sup>) não consigna um espaço autónomo ao tratamento da Formação de Palavras, descrevendo somente um dos ramos da

Morfologia, ou seja, a Morfologia Flexional. Contudo, os "Apêndices I (Estudo Sistemático dos Principais Radicais Latinos)" (pp. 195-204) e "II (Estudo Sistemático dos Principais Radicais Gregos)" (pp. 205-213) apresentam listas exaustivas dos formantes eruditos, que se revestem de particular interesse para o estudo da Formação de Palavras, sendo também importantes alguns parágrafos e comentários dispersos ao longo da obra em questão. Para NASCENTES ([1929] 1942<sup>3</sup>), os três domínios mais representativos são a Fonética a Morfologia Flexional e o Léxico.

— *Noções de Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, de Brandt HORTA ([s.d.] s.d.3), é uma obra que se encontra estruturada em vinte e seis "Lições", incidindo, na sua maioria (dezasseis "Lições"), sobre a fonética e a morfologia flexional. No entanto, para o estudo que me proponho levar a cabo, algumas "Lições" são particularmente importantes, nomeadamente a "Lição IV - Formação do léxico português. Elementos, além dos latinos que concorreram para sua formação. Neologismos, peregrinismo, gíria, arcaização e suas causas, hibridismo" (pp. 28-33), a "Lição XIII - Histórico das flexões - Caso lexiogênico" (pp. 98-106), onde são descritos os "Aumentativos e Diminutivos" (pp. 100-103) e a "Lição XV - Formação do gênero e número" (pp. 114-121), em especial aquilo que é dito acerca dos nomes compostos (pp. 120-121).

— *A Gramática Histórica da Língua Portuguesa* de ALI ([1931] 1964<sup>3</sup>) estrutura-se em duas Partes: a "1ª Parte - Estudo dos sons e Lexeologia" (pp. 17-226) e a "2ª Parte - Formação de palavras e Sintaxe do Português Histórico" (pp. 229-264). Nesta última, ALI ([1931] 1964<sup>3</sup>) começa por tratar a "Derivação em geral" (p. 229), a qual se subdivide em "Derivação sufixal" ("a) Substantivo e adjetivo", pp. 232-247; "b) Verbos", pp. 247-248), "Derivação prefixal" (pp. 249-253), "Derivação parassintética" (pp. 254-255) e "Derivação regressiva" (pp. 256-257). Seguidamente é estudada a "Composição" (pp. 258-264) que, em conjunto com a "Derivação" constituem a área da "Formação de Palavras". Relativamente a este autor, cabe aqui salientar dois aspectos muito importantes em termos não só de estrutura da obra, mas também em termos teóricos: em primeiro lugar, como acabei de indicar, ALI ([1931] 1964<sup>3</sup>) designa por Formação de Palavras a área que estuda a Derivação e a Composição e, em segundo lugar, não inclui a Prefixação dentro da Composição, à semelhança de muitos outros.

— A gramática de HUBER ([1933] 1986) é constituída por cinco partes: "Parte I: Fonética" (pp. 39-160), "Parte II: Morfologia" (pp. 161-269), aqui entendida como morfologia flexional, "Parte III", aquela que estuda a Formação de Palavras, é constituída por: "I. Formação nominal" (pp. 271-276; compreende: "1. Passagem para outras classes de palavras"; "2. Derivação por meio de prefixos"; "3. Derivação por meio de sufixos" e "4. Composição"), "II. Formação verbal" (pp. 276-277) e "III. Formação adverbial" (pp. 277-278), "Parte IV: Sintaxe" (pp. 279-318) e "Parte V" (Textos do português arcaico)

— Os *Elementos de Gramática Histórica* de MARTINS ([s.d.] 1937<sup>4</sup>) estão organizados em vinte e dois capítulos, dos quais nove tratam da "morfologia histórica" de alguns verbos. É das gramáticas históricas em estudo uma das que menos dados nos fornece no que diz respeito à Formação de Palavras, pois, à excepção de uma parte do capítulo oitavo ("Derivação dos masculinos e femininos. Desaparecimento do neutro; vestígios", pp. 65-67) e do nono ("Grau dos substantivos e dos adjetivos. Comparativos e superlativos sintéticos", pp. 69-72), os fenómenos morfológicos analisados prendem-se com questões de morfologia flexional.

— SEQUEIRA ([1938a] 1959<sup>5</sup>) reserva catorze capítulos à "Morfologia": "I. As fontes do léxico português" (pp. 109-117), "II. Etimologia dos nomes" (pp. 118-123), "III. Etimologia dos pronomes" (pp. 124-128), "IV. Etimologia dos verbos" (pp. 129-131), "V. Etimologia dos advérbios" (pp. 132-134), "VI. Etimologia das preposições" (p. 135), "VII. Etimologia das conjunções" (pp. 136-137), "VIII. A renovação do léxico" ("a) Com palavras novas", pp. 138-149), "IX. A renovação do léxico" ("b) Com elementos da língua", pp. 150-156), "X. A flexão nominal" (pp. 157-163), "XI. A flexão verbal" (pp. 164-169), "XII. A conjugação regular" (pp. 170-176), "XIII. Verbos irregulares" (pp. 177-195) e "XIV. O Supletivismo" (pp. 196-199).

— Subdividida em três partes maiores (Fonética, Morfologia e Sintaxe), tal como em SEQUEIRA ([1938a] 1959<sup>5</sup>), a gramática de SEQUEIRA (1938b) arruma os assuntos por secções. Na secção II da "2ª Parte - Morfologia", intitulada "Renovação do léxico" são estudados: "XII. Causas e processos do renovamento" (pp. 84-85); "XIII. Neologismos de significação" (pp. 86-87); "XIV. Neologismos de vocábulos" (pp. 88-91); "XV. Meios de formação de palavras" (pp. 92-93); "XVI. Derivação" (p. 94): "Derivação própria" (pp. 94-95; "a) Sufixos nominais", pp. 96-100; "b) Sufixos verbais", pp. 101-102 e "c) Sufixo adverbial", pp. 102-103) e "Derivação imprópria" (pp. 103-105); "XVII. Composição" (p. 106; "a) Prefixação", pp. 106-112; "b) Juxtaposição", pp. 112-113; "c) Aglutinação", p. 114 e "d) Composição erudita", pp. 114-117). À "flexões", SEQUEIRA (1938b) reserva a "secção III" (pp. 118-119), com as subsecções I ("Flexão nominal", pp. 121-151) e II ("Flexão verbal", pp. 152-235).

— COUTINHO (1938), depois da "Introdução" (pp. 13-31), da "Origem da Língua Portuguesa" (pp. 33-41) e do "Domínio da Língua Portuguesa" (pp. 43-50), talvez pelas razões que aponta no "Prólogo"<sup>10</sup> (pp. 9-10), passa à "Constituição do Léxico Português" (pp. 51-52), onde analisa: "1. Formação de palavras" (pp. 53-54); "2. Derivação própria" (pp. 54-56; "a) sufixos nominais", pp. 56-62; "b) sufixos verbais", p. 62); "3. Derivação imprópria" (pp. 63-64); "4. Composição" (pp. 64-65; "a) prefixação", pp. 65-71; "b) juxtaposição", p. 71; "c) aglutinação", pp. 71-73; "d) locução", p. 73; "e) parassintetismo", pp. 73-74; "f) elementos gregos", pp. 74-84); "5. Importação estrangeira" (pp. 85-94); "6. Arcaísmos e

Neologismos" (pp. 95-100); "7. Neologismos" (pp. 100-105). Em COUTINHO (1938), a "Morfologia" é entendida enquanto Morfologia Flexional, abrangendo o estudo dos Adjetivos, Pronomes, Advérbios, Preposições, Conjunções e Interjeições (pp. 230-260).

— As *Lições* de VASCONCELOS ([1946] s.d.) são constituídas por quatro "Partes": "Parte I. — Prelecções feitas ao Curso de 1911/1912", "Parte II. — Filologia Portuguesa (I)", "Parte III — Filologia Portuguesa (II)" e "Parte IV — Lições Práticas de Português Arcaico. Leitura e Explicação de Textos dos Séculos XIII e XIV (em Fac-símiles de Manuscritos antigos)". São dez as "Lições" que formam a primeira parte, de que destaco: "Derivação e Composição. Noções gerais, preliminares, teóricas" (pp. 40-49), "Derivação. Raízes (radicais, temas ou bases) e afixos. Sufixos mortos e sufixos vivos" (pp. 50-59), "Derivação. Excurso prosódico. Sufixos átonos e esdrúxulos: Explicação da sua actividade na linguagem popular" (pp. 60-69), "Derivação. Sufixo *-udo*; infixos *-z-* e *-r-*; *-aria* — *-eria*. Sufixos de proveniência não-latina. Outros processos de prefixação expressivos ou pitorescos" (pp. 70-79), "Resenha dos principais processos populares de sufixação. Derivação imprópria. Derivação verbal" (pp. 80-85) e "Prefixação. Excurso: Névoas de antano. Prefixos nominais e verbais. Notas diversas" (pp. 86-99). Segundo VASCONCELOS ([1946] s.d.), "a derivação e a composição [prefixação incluída] constituem um capítulo, bipartido, da *Morfologia*, da parte dos estudos lingüísticos em que se trata da estrutura dos vocábulos, em oposição à que trata dos elementos primários, os sons (*Fonética*), e àquela que trata da estrutura das preposições : *Syntaxe*" (VASCONCELOS [1946] s.d.: 42).

— CÂMARA (1975), em *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, utiliza uma terminologia e procede a uma organização que deixam transparecer os avanços da Linguística, durante o século XX. De facto, trata-se de um trabalho de inspiração estruturalista, beneficiando de todos os ensinamentos da gramática tradicional. A obra está organizada em onze capítulos. Os capítulos "III - Morfologia Nominal" (pp. 73-90), "IV - Morfologia Pronominal" (pp. 91-115), "V - O Advérbio" (pp. 117-125) e "VI - O Verbo em Português" (pp. 127-163) ocupam-se da Morfologia Flexional, tratando o autor a Formação de Palavras no capítulo "X - Ampliação e Renovação Lexical". Este último é formado por: "I - A criação de novas palavras" (p. 213): "1. Mecanismos gramaticais de criação léxica", p. 213; "2. Composição", pp. 213-216; "3. A derivação", pp. 216-218); "II - Criação Lexical por Derivação" ("4. Derivação nominal", pp. 218-223; "5. Os substantivos abstratos", pp. 223-225; "6. A expressão do grau", pp. 226-228; "7. A derivação verbal", pp. 228-229) e "III - A Composição por Prefixo" (p. 229; "8. A prefixação", pp. 229-233; "9. Os helenismos", pp. 233-234). Note-se que, mesmo tendo sido redigida muito mais recentemente, a obra de CÂMARA (1975) continua a incluir a Prefixação dentro da Composição, posição que não está em sintonia com aquela

que é seguida em quase todos os trabalhos linguísticos publicados na mesma altura ou subsequentemente e que denota o não afastamento de CÂMARA (1975), relativamente à maior parte dos autores de gramáticas históricas que o precederam.

Depois da apresentação da estrutura das várias gramáticas históricas do português, pode observar-se que:

— a Formação de Palavras, embora sendo uma área menos representativa do que, por exemplo, a Fonética e a Fonologia, ocupa, na realidade, um lugar bastante central; todos os gramáticos estudados apontam a derivação e a composição como os processos que mais contribuem para o enriquecimento e desenvolvimento do léxico, independentemente do objectivo que os move, i.e., quer se centrem na procura das formas primitivas a partir das quais se desenvolveram as formas actuais, quer pretendam descrever as formas arcaicas remanescentes, sendo usuais as oposições de "vivo"/"morto" e "actual"/"arcaico", quando se trata de assinalar a vitalidade ou produtividade de determinados afixos e a disponibilidade de alguns processos, relativamente a outros que deixaram de dar origem a palavras morfologicamente complexas

— alguns gramáticos consideram que a Formação de Palavras deve ser estudada dentro da Morfologia, enquanto outros a estudam dentro do léxico e outros, ainda, lhe conferem um tratamento independente (como, por exemplo, ALI ([1931] 1964<sup>3</sup>) e HUBER ([1933] 1986)). Os primeiros interessam-se sobretudo pelas alterações semânticas, resultantes da junção de prefixos e sufixos ou desinências, como muitas vezes são chamados; para os segundos, o mais importante é demonstrar que o alargamento do léxico se faz através da prefixação, sufixação e composição, entre outros processos; o objectivo dos terceiros consiste em descrever e explicar os processos de prefixação, sufixação e composição em si mesmos e não somente o seu resultado, ou seja, o facto de contribuírem para o enriquecimento lexical.

— tal como apresentado por Brocardo e Caetano (1998) e Caetano e Brocardo (1998), verifica-se que, frequentemente, a prefixação faz parte da composição e não da derivação, por se considerar que os prefixos apresentam uma grande autonomia,<sup>11</sup> não desencadeando alterações categoriais. ALI (1964<sup>3</sup>), já indicado como excepção, contraria este critério, considerando que o sufixo "procede também de expressão que a princípio se usou como palavra independente" (ALI, 1964<sup>3</sup>: 229), mas a maior autonomia dos prefixos continua hoje a ser usada como característica para distinguir prefixos e sufixos (cf., por exemplo, Cunha e Cintra (1984: 85-86)), salientando-se, igualmente, o facto de os prefixos serem "constituintes com menor grau de intervenção na determinação das propriedades da palavra complexa em que ocorrem" (Mateus et al., 1990: 433). Em estudos mais recentes, a prefixação é incluída pela maior parte dos autores na derivação e não na composição<sup>12</sup>, havendo, inclusivé, algumas

propostas tendentes a demarcar os prefixos derivacionais de outros elementos que ocorrem em início de palavra ("initial combining forms", v. Jacobini (1997)) e cujo comportamento é regido pelos mecanismos da composição. A fronteira que hoje estabelecemos entre derivação e composição, baseando-nos essencialmente no facto de a primeira operar com afixos, nem sempre é clara e em algumas gramáticas históricas é ainda menos nítida, considerando-se, por vezes, que o termo "derivadas abrange tanto as palavras obtidas por derivação como as obtidas por composição, como as obtidas simultaneamente por derivação e composição" (SEQUEIRA, 1938b: 92).

— dentro da Formação de Palavras, a descrição da 'composição propriamente dita' é menos desenvolvida do que a concedida à sufixação e à prefixação, encontrando-se justificação pelo facto de em latim a composição ser um processo que ocorria só muito esporadicamente e, por outro lado, servindo para justificar que o português desenvolveu os processos mais correntes que ocorriam na 'língua-mãe'.

Com a apresentação destes pontos, os quais fazem parte de um estudo mais vasto, ainda em fase de elaboração, sobre a *Formação de Palavras em Gramáticas Históricas do Português*, pretende-se evidenciar o interesse dessas obras para os estudos diacrónicos que incidem sobre a derivação e a composição, tendo em conta que o aprofundamento desses processos poderá contribuir para uma melhor compreensão dos textos em prosa dos séculos XIII, XIV e XV<sup>15</sup> (fontes primárias), os quais, por sua vez, na segunda parte do trabalho, serão utilizados para controlar os dados apresentados nas gramáticas históricas, passando-se, posteriormente, à discussão da aplicabilidade ao português medieval de algumas propostas mais recentes relativas à Formação de Palavras. Isto significa que, tanto quanto possível, não me deterei unicamente nas descrições e na análise crítica dos dados que figuram nas gramáticas históricas do português, procurando também estruturá-los de acordo com determinados pressupostos teóricos, partindo do princípio que, tal como afirmado em Brocardo e Caetano (1998) e Caetano e Brocardo (1998), daí poderão advir alguns benefícios para estudos sobre o português contemporâneo.

### Notas

1 O *corpus* de gramáticas históricas apresentado por Martins (1995) revelou-se um bom ponto de partida para a constituição do *corpus* que levei a cabo.

2 Segundo Malkiel, convencionalmente, fala-se de "comparative historical" grammar only where more than one daughter-language is contrasted with the actual or putative ancestral tongue" (Malkiel [1960] 1968: 73).

3 A delimitação cronológica prende-se com o período de publicação das gramáticas históricas, o qual se situa entre os fins do século XIX e a primeira metade do século XX.

mais concretamente, entre 1876 (BRAGA) e 1938 (COUTINHO e SEQUEIRA a e b), à excepção de CÂMARA (1975).

4 Embora sem data, é possível situarmos de forma aproximada a publicação desta gramática da autoria de HORTA pois, na "Impressão de Leitura" que antecede a obra, João Ribeiro refere a *Gramática Histórica* de PEREIRA ([1916] 1935<sup>9</sup>) e o *Idioma Nacional* (IV série) de NASCENTES ([1929] 1942<sup>3</sup>), realçando que a obra de Horta "apresenta vantagens consideráveis sobre os dois primeiros, sob alguns aspectos práticos e pedagógicos" (HORTA [s.d.] s.d.<sup>3</sup>: 5).

5 A 1.<sup>a</sup> edição desta gramática poderá datar-se, aproximadamente, de 1916-princípios de 1917. Quando no final da obra são transcritos os comentários e apreciações de algumas individualidades, uma delas confessa ter ficado muito agradada, "tendo lido nestas férias «O meu idioma»" (MOTTA, 1937<sup>8</sup>: 245), assinando com a data de 19 de Março de 1917.

6 É também interessante a crítica de Neto ([1942] 1977<sup>3</sup>) a WILLIAMS ([1938] 1961), que é acusado de "estrito formalismo gramatical" (Neto [1942] 1977<sup>3</sup>: 127) e de não encadear a história externa com a interna. Neto ([1942] 1977<sup>3</sup>) evidencia, pois, uma concepção de gramática histórica que foi rejeitada por Malkiel ([1960] 1968), o qual, relembro, refere que, na gramática histórica, os dados a analisar devem ser estritamente linguísticos.

7 A primeira é um conjunto de cento e doze conferências "que a princípio se destinavam (...) aos alunos do Curso de Bibliotecário-Arquivista, [mas que] em breve começaram a ser assistidas de alunos de cursos de fora, e também de professores, escritores e outras pessoas" (VASCONCELOS [1911] 1959<sup>3</sup>: vii). A segunda são preleções feitas aos cursos de 1911-1912 (Lições I-XII) e de 1912-1913 (Lições XIII-XVII, seguidas de sete Lições relativas à Leitura e Explicação de Textos dos séculos XIII e XIV), na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

8 Veja-se, por exemplo, na Derivação Própria, o que é dito a propósito das palavras terminadas em *-vel*, *-az*, *-iz*, *-oz* e *-ão* (SEQUEIRA, 1938b: 95).

9 Os restantes capítulos desta II Parte tratam do pronome, artigo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição.

10 COUTINHO afirma explicitamente que "A simples leitura dos *Pontos de Gramática Histórica* revela que eles não obedeceram a um plano preconcebido e sistematizado, mas que se foram arquitetando e desenvolvendo parcialmente, sem idéia de conjunto" (COUTINHO, 1938: 10).

11 Vasconcellos (1900: 134) baseia-se igualmente na não alomorfa prefixal para reforçar o carácter composicional que, segundo ele, contribui para a identidade distinta do prefixo.

12 Não é esse, contudo, o procedimento adoptado por Ezquerria (1993).

13 Para este período foi já constituído um corpus textual representativo, o *CIPM - Corpus Informatizado do Português Medieval* (Cf. Xavier, Brocardo e Vicente, 1995).

## Bibliografia

- BROCARD, Maria Teresa e Maria do Céu CAETANO, 1998. «Para uma morfologia derivacional histórica do português: o prefixo *des-*», comunicação ao *XXII Congrès international de linguistique et philologie romanes*, Bruxelas (Julho, 1998).
- BYNON, Theodora, ([1977] 1986<sup>5</sup>), *Historical Linguistics*, Cambridge, Cambridge University Press.
- CAETANO, Maria do Céu e Maria Teresa BROCARD, 1998. «O prefixo *des-* num texto português do século XV - contribuição para um estudo de morfologia derivacional diacrónica», comunicação ao *XIV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Aveiro (Setembro, 1998).
- COELHO, Adolfo, 1868. *A Língua Portuguesa. Phonologia. Etymologia. Morphologia e Syntaxe*, Coimbra: Imprensa da Universidade.
- CORNU, Jules, 1906<sup>2</sup> (1888). *Grammatik der portugiesischen Sprache*. Estrasburgo.
- QUESTA, Pilar Vázquez e M<sup>a</sup> Albertina Mendes da LUZ (1971). *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Edições 70, trad. port. de Ana M<sup>a</sup> Brito e Gabriela de Matos.
- CUNHA, Celso e Lindley CINTRA, 1984. *Nova gramática do português contemporâneo*, Lisboa, Edições Sá da Costa.
- DIAS, Epifânio da Silva, 1970<sup>5</sup> (1918). *Sintaxe Histórica Portuguesa*, Lisboa, Livraria Clássica Editora.
- DIEZ, Friedrich, 1836-1844. *Grammatik der Romanischen Sprachen*, Bonn, Weber, 3 vols. (trad. fr. de Gaston Paris, 1863, *Grammaire des Langues Romanes*, Paris, Franck).
- EZQUIERRA, Manuel Alvar, 1993. *La Formación de Palabras en Español*, Madrid, Arco Libros.
- JACOBINI, Claudio, 1997. «Distinguishing derivational prefixes from initial combining forms», com. ao *First Mediterranean Conference of Morphology*, Mytilene, 1997 (cit. de resumo).
- MAIA, Clarinda de Azevedo, 1997 (reimpressão da ed. do INIC, 1986). *História do Galego-Português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XII ao século XVI (Com referência à situação do galego moderno)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica
- MALKIEL, Yakov, 1960. "A Tentative Typology of Romance Historical Grammars", in *Lingua* IX:4 (reimpresso em *Essays in Linguistic Themes*, Oxford, Blackwell, pp. 71-164).
- MARTINS, Ana Maria, 1995. "Gramáticas Históricas do Português" in DUARTE, Inês e MIGUEL, Matilde (orgs.) *Actas da Associação Portuguesa de Linguística*, Colibri, Lisboa, vol. III - gramática e varia, pp. 53-71.

- MATEUS, Maria Helena et al., 1990. *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa, Universidade Aberta.
- MEYER-LÜBKE, Wilhelm, 1890-1902. *Grammatik der romanischen Sprachen*, 4 vols. [I: *Lautlehre* (1890), II: *Formenlehre* (1893), III: *Syntax* (1899), IV: *Register* (1902)], Leipzig, Fues (Reisland). Trad. fr. de E. Rabiet (I), A. e G. Doutrepoint (II-III), id., com A. Counson (IV), 1890-1906, *Grammaire des Langues Romanes*, Paris, Welter.
- NETO, Serafim da Silva, 1977<sup>s</sup> (1952). *Manual de Filologia Portuguesa*, Rio de Janeiro, Presença [1ª ed. 1952, 2ª ed. 1957, Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica].
- NOGUEIRA, Rodrigo de Sá, 1932. *Curso de Filologia Portuguesa. I Parte: Noções Gerais e Fonética Histórica*, Lisboa, Ed. de José Fernandes Jr.; obra reeditada (com muito poucas alterações) nos *Elementos para um Tratado de Fonética Portuguesa*, 1938, Lisboa, Imprensa Nacional.
- POSNER, Rebecca, 1996. *The Romance Languages*, Cambridge, Cambridge University Press
- SILVA, Rosa Virgínia M., 1989. *Estruturas Trecentistas. Elementos para uma Gramática do Português Arcaico*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- SILVA, Rosa Virgínia M., 1991. *O Português arcaico: fonologia*, São Paulo, Contexto.
- SILVA, Rosa Virgínia M., 1994. *O Português arcaico: morfologia e sintaxe*, São Paulo, Contexto.
- SILVEIRA, Sousa da, 1934<sup>2</sup> (1923). *Lições de Português*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- WILLIAMS, Edwin B., 1975<sup>3</sup> (1961). *Do latim ao português. Fonologia e Morfologia Históricas da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro (trad. port. de Antônio Houaiss de *From Latin to Portuguese. Phonology and Morphology of the Portuguese Language*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press / Oxford, Oxford University Press, 1938).
- XAVIER, Maria Francisca, Maria Teresa BROCARDÓ e Maria da Graça VICENTE, 1995. «CIPM - Um Corpus Informatizado do Português Medieval» in *Actas do X Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Colibri.
- ANEXO — Gramáticas Históricas do Português que tratam a Formação de Palavras**  
(listadas pela ordem cronológica da primeira edição)
- BRAGA, Theophilo (1876). *Grammatica Portugueza Elementar (Fundada sobre o methodo historico-comparativo)*, Porto, Livraria Portugueza e Estrangeira.
- REINHARDSTOETNER, Carl von (1878). *Grammatik der portugiesischen Sprache*, Estrasburgo.
- SILVA JR., Manuel Pacheco da (1878). *Grammatica Historica da Lingua Portugueza*, Rio de Janeiro, Typ. A Vapor de D. M. Hazlett.

## A FORMAÇÃO DE PALAVRAS NAS GRAMÁTICAS HISTÓRICAS DO PORTUGUÊS

- SILVA JR., Manuel Pacheco da e Lameira de ANDRADE ([1887] 1913<sup>1</sup>). *Grammatica da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves.
- VASCONCELOS, António Garcia Ribeiro (1900). *Gramática Histórica da Língua Portuguêsa*, Paris/Lisboa, Aillaud, Alves; Rio de Janeiro/São Paulo/Belo Horizonte, Francisco Alves.
- VASCONCELOS, José Leite de ([1911] 1959<sup>2</sup>). *Lições de Filologia Portuguesa*, Rio de Janeiro, Livros de Portugal.
- PEREIRA, Eduardo Carlos ([1916] 1935<sup>3</sup>). *Gramática Histórica*, São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- MOTA, Othoniel ([1916] 1937<sup>4</sup>). *O meu idioma*, São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- NUNES, José Joaquim ([1919] 1989<sup>5</sup>). *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)*, Lisboa, Clássica Editora.
- NASCENTES, Antenor ([1929] 1942<sup>6</sup>). *O Idioma Nacional*, vol. IV, Rio de Janeiro, Livraria Machado.
- HORTA, Brandt ([s.d.] s.d.3). *Noções de Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Editores J. R. de Oliveira.
- ALI, Manuel Said ([1931] 1964<sup>7</sup>). *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, São Paulo, Edições Melhoramentos.
- HUBER, Joseph ([1933] 1986). *Gramática do Português Antigo*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (trad. port. de Maria Manuela Delille, do original alemão *Altportugiesisches Elementarbuch*).
- MARTINS, Jaime de Sousa ([s.d.] 1937<sup>8</sup>). *Elementos de Gramática Histórica*, São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- SEQUEIRA, Francisco Júlio Martins ([1938a] 1959<sup>1</sup>). *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Lisboa, Livraria Popular.
- SEQUEIRA, Francisco Júlio Martins (1938b). *Gramática de português*, Lisboa, Livraria Popular.
- COUTINHO, Ismael de Lima (1938). *Pontos de Gramática Histórica*, São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de ([1946] s.d.). *Lições de Filologia Portuguesa - segundo as preleções feitas aos cursos de 1911-1912 e de 1912-1913 (Seguidas das Lições Práticas de Português Arcaico)*, Lisboa, Edição da Revista de Portugal / Dinalivro.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso (1975). *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Padrão.